













A ti, meu querido Hopper,  
única coisa que me  
restou da infância.

O teu

Faixas de fogo morto

Matthew Peck



BULHÃO PATO

---

# Faixas de fogo morto

---

IMPROVISOS DO MONTE  
PÓ E SOMBRA . . . — NO SÉCULO XIV  
ÚLTIMA FAISCA — NOTAS



LISBOA  
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS  
1908

PQ  
9261  
B8F3  
1908



Á MEMORIA

DE

URBANO DE CASTRO



## ERRATAS

---

Pag. 122, lin. 10, onde se lê: Como serás feliz eternamente... leia-se: Como serás feliz eternamente!

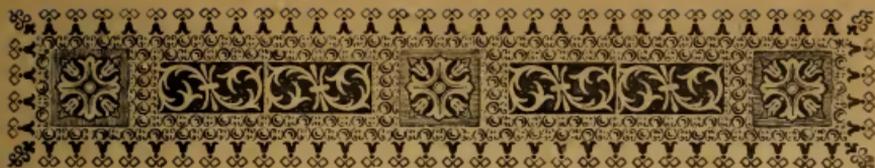
Pag. 140, lin. 14, onde se lê: Vespera de santificado, leia-se: Vesp'ra de santificado.



IMPROVISOS

DO MONTE





## CARTA

---

QUANDO partiste ainda havia  
Um sol como de verão.  
Partiste, e logo a invernã  
— Triste do meu coração —  
Rompeu de cara sombria.

Mar que vias da janella,  
Tão sereno e tão azul,  
Torvo ao largo se encapella  
Com as lufadas do sul,  
Dando nuncios da procella.

Uma avesita arribada,  
Que á tarde poisou aqui,  
Soltou um pio maguada;  
Como eu as tenho de ti  
Teve saudades, coitada!

Saudades... se breve espero  
Vêr-te, que estás a dois passos?  
Sempre a um pae é desespero  
Não ter a filha nos braços,  
E eu como a filha te quero.

De passagem te direi  
Que hontem, descendo o vallado,  
Com a casa defrontei,  
E, vendo tudo fechado,  
Por vergonha não chorei.

Quando do alto do casal  
Me avistavam da janella,  
Que alegria triumphal!...  
Eras tu, e a Philomella,  
E os lenços n'um vendaval!

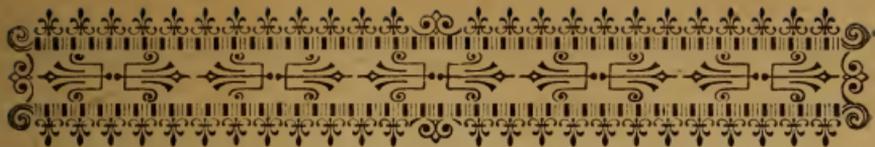
—«Depressa, que o tio espera,  
Jantar na meza, são horas.»  
E a tentar cara severa,  
E rindo como as auroras  
Dos dias da primavera!

Agora vem da invernia  
As cordas d'agua puxadas  
Na força da ventania,  
E essas janellas cerradas,  
E eu sem a vossa alegria!...

Já nem sei o que escrevi...  
Vou fechar a carta. Adeus!  
Guarda um beijo para ti,  
Dá-me um abraço nos teus,  
Y nó te olvides de mi!

1899.





NO CENTENARIO

DE

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

---

SINGULAR genio o teu genio,  
Que de quanto ha mais singello,  
N'um sopro de encanto magico,  
Creou quanto ha de mais bello!

Nunca tiveste tão fulgido  
—Tendo gloria em toda a parte—  
O sol que illumina os marmores,  
Como n'este templo da Arte,

Que nem os assombros d'Eschylo  
Te sobrelevam, no instante  
Em que a moderna tragedia  
Sae de teu pulso gigante!

Cravejaste em oiro as perolas  
Dos annaes de Portugal,  
No teu summo gosto artistico,  
Cinzelador sem rival!

Sempre nos teus traços unicos,  
D'um estylo peregrino,  
Portuguez no sabor patrio:  
Bem te chamaram divino!

Em tudo a graça e a ondulancia,  
Que se não pode imitar;  
Até nas turbidas lagrimas  
Com que nos fazes chorar!

Na genial eloquencia,  
Ora profundo, ora acerbo,  
E no arrendado do espirito,  
Que gentileza em teu verbo!

Na tribuna eram relampagos,  
— Pasma do proprio vencido —  
Um encanto as phrases intimas,  
No esmalte do colorido!

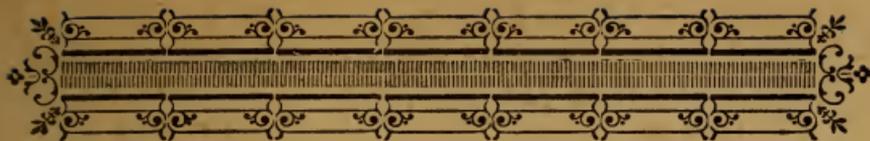
No matiz do nosso labaro,  
Luzeiro de tantos mares,  
É moto, em magas cadencias,  
A letra de teus cantares!

O poeta, quando ingenito,  
Tem n'alma o poder sagrado  
De accender a estrella rutila,  
E de abrir a flôr no prado!

Sobre ti correu um seculo.  
Que importa?... se tens agora,  
Depois d'um occaso esplendido,  
Sobre o teu berço uma aurora!

1898.





## IRIA, A PASTORA

---

MOTE PROPRIO

LÁ vae pelos campos fóra,  
Iria atraz dos novilhos,  
Vencendo com seus modilhos  
As cotovias da aurora.

## VOLTAS

Os gallos, pelos casaes,  
Soltam a voz crystallina;  
Mas de outra voz peregrina  
Não são elles os rivaes,  
Que pode a garganta mais  
De Iria, que vae agora,  
Roca á cinta, campos fóra,  
Atraz dos nedios novillos,  
Vencendo com seus modillos  
As cotovias da aurora!

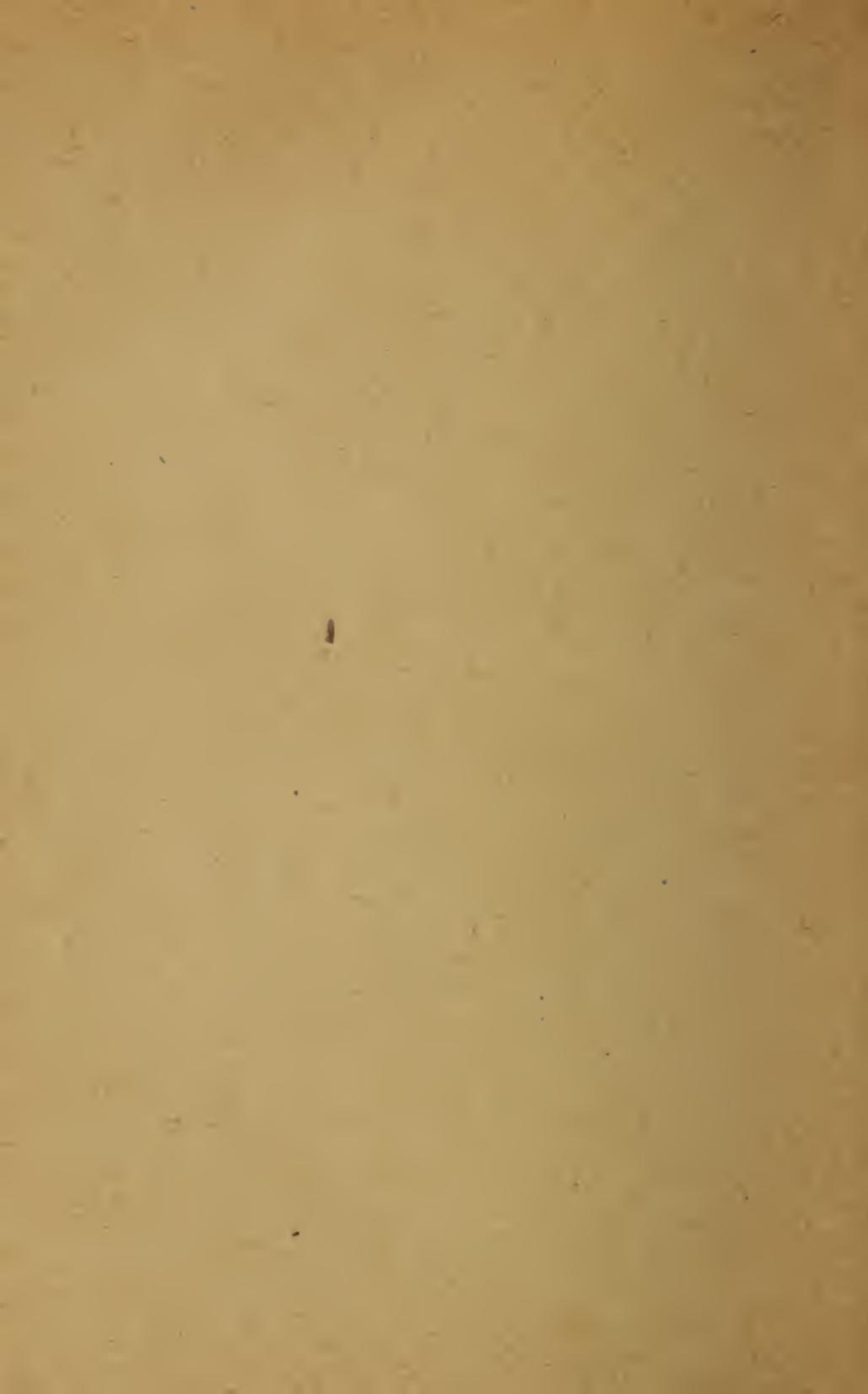
Tempo algum lhe faz affronta.  
Pelas borrascas de maio,  
Ronque o trovão, caia o raio,  
Assim que a manhã desponta,  
Lá vae ella a tomar conta  
Do gado, e mette a caminho,  
Na roca estrigas de linho,  
Pão de centeio na aljava,  
Trepando a ladeira brava,  
Mais leve que um cabritinho.

Quando em tardes de verão,  
Ao sopé do castanheiro,  
Tira encalmada o sombreiro...  
Parece que a solidão,  
Vendo-lhe a rara expressão,  
A tanta graça e primor,  
Começa a cantar de amor...  
Iria treme, escutando,  
Porque a voz que vem cantando  
É voz de um certo pastor!

Viveram desde pequenos  
Nos seus proximos casaes;  
Amaram-se os dois zagaes,  
N'aquelles dias serenos.  
Não se amam agora menos,  
Que ás tardes, voltando ao lar,  
Iria vem a cantar,  
Apartada dos novilhos,  
Perdida com os modilhos  
Que lhe improvisa o seu par!

1902.







EM PLENO ABRIL

*A João Barreira*

---

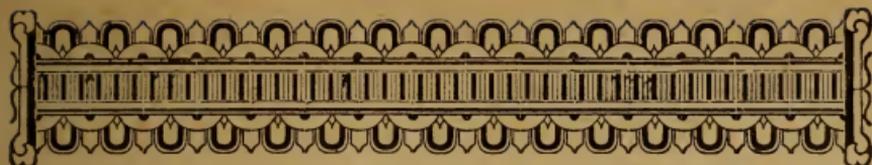
A abelha, a zumbir no prado,  
Gira,  
E o mel, do polen doirado,  
Tira,  
Para o seu favo arrendado.

Constroe, sobre o meu beiral,  
Ninho  
Uma andorinha real!  
Promette o pampano em flôr  
Vinho,  
Como precioso licôr,  
Que até se possa offertar  
A Deus nas aras do altar!...

Entre sombras vem sahindo,  
Nova,  
E d'um verde fresco e lindo,  
Folha d'hera que procura  
Cova,  
Que ha de ser-me sepultura!

1900.





## PRIMAVERA

### *Georgica*

---

**A**SSIM como esta vae (salvo seja!) pintando,  
Ha trint'annos; ha mais, nunca pintou nenhuma!  
Ora o sol rutilando,  
Ora a ligeira bruma.

Nas entradas de abril  
«Aguas mil,  
Coadas por um mandil.»

Nas chapadas o trigo, a flux e lanceolado,  
Ondeia á viração como as aguas do mar,  
Quando o tempo é propicio. O variado pomar,  
Abrindo todo em flôr; e não promette menos  
A cepa, se vingar, com dias tão serenos.

Não sendo um furacão, em refervendo agosto,  
Hão de os cachos rojar na profusão do mosto;

Mosto d'estas regiões,  
Cantadas por Camões!

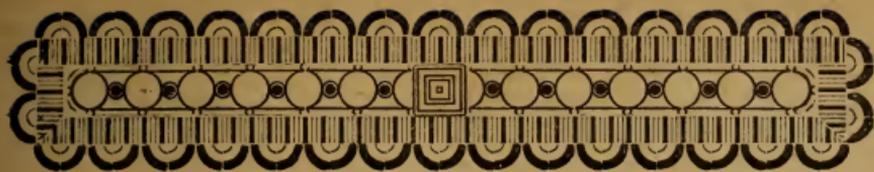
Deixemos misanthropias:  
Tudo isto são quatro dias...

Não ha noite cruel que nos não dê aurora :  
Viver, amar, cantar, á plena luz do sol,  
    Como já canta agora,  
No balseado copado o velho rouxinol!

1905.







## VINDIMA

*Georgica*

---

D'ANTES o lavrador,

Quando vinham rompendo as fulvas primaveras,

E os cachitos em flôr,

Quando a vide a frondear trêpava como as heras,

Entrevia no outono, ao fim de mil cuidados,

Dias nadando em luz, dias abençoados!

Nem o trigo nas eiras,  
Nem na varzea o legume, e os fructos do pomar,  
Lhe podiam pagar,  
Como o vinho caudal, os gastos e as canceiras.

A castanha a estralar nas brazas do magusto;  
Os bandos juvenis descantando e bailando,  
Na roda crepitante!... Os picheis espumando,  
Da picante agua-pé. Era beber sem susto.

Agora onde é que vae a rúbida folia;  
Agora o lavrador, vendo que a novidade  
Promette de vingar em grande quantidade,  
Cae na misanthropia.

Talvez seja de mais tanta melancholia.  
Custa menos cortar as sobras da opulencia,  
Que viver na indigencia!

Emfim... N'esta abundancia alegra-se o povinho...

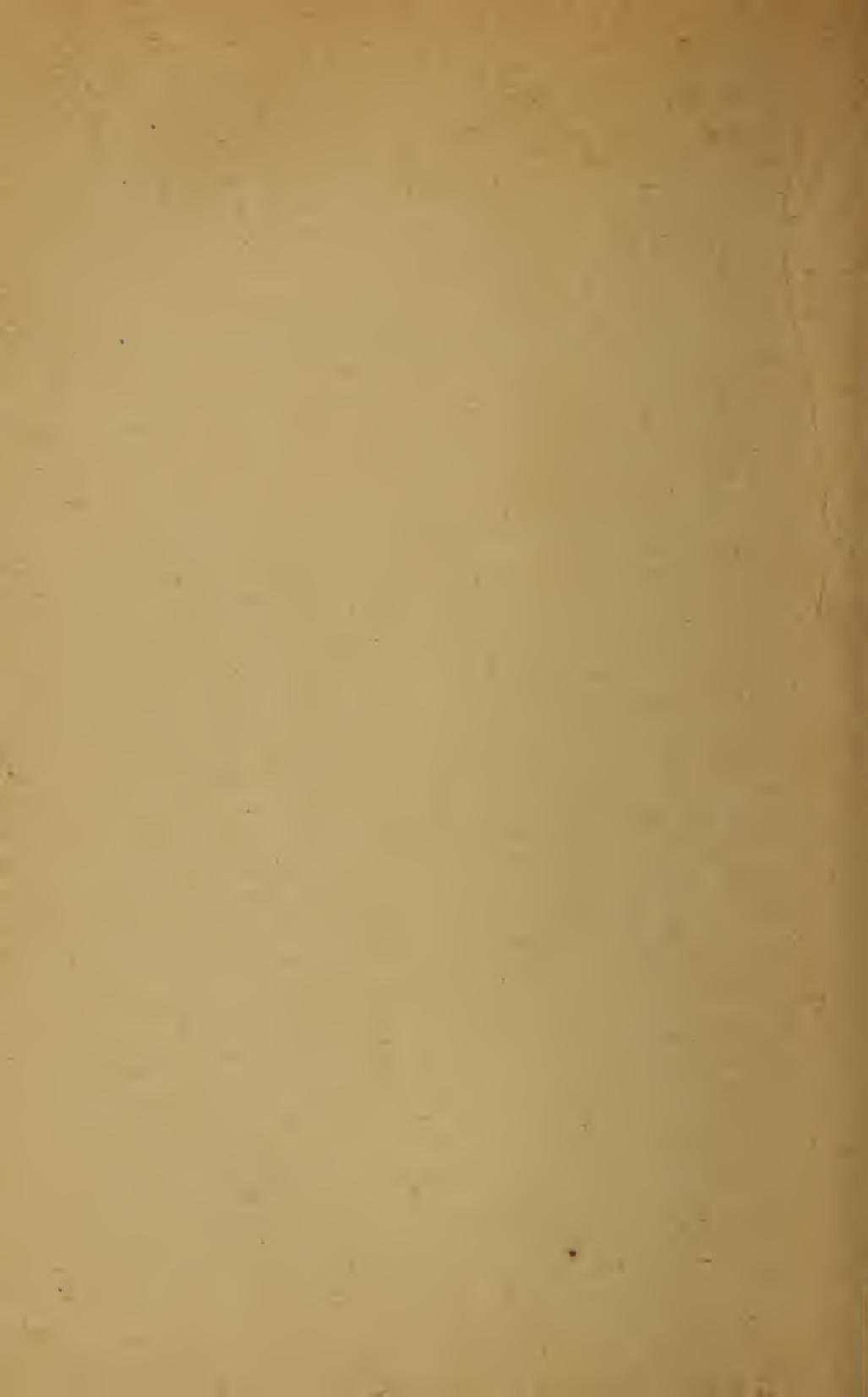
Sobre o pão já lhe vae tanto tributo novo!...

Coitadito do povo:

Alegra os corações o balsamo do vinho!

1905.







## ALVORADA NO CAMPO

*Georgica*

---

No remoto casal do cimo da collina,  
O gallo solta a voz vibrante e crystallina.

A calhandra, a subir, da abobada azulada,  
Annuncia tambem a proxima alvorada.  
Vivo, mas creador, o limpido nordeste,  
Meneia a ramaria ao pinheiral agreste.

Na aldeia, aqui e além, mettem o pão tendido,  
— Remedio da semana — aos fornos em brazido.

A ovelhada do bardo, e as cabras do curral,  
Correm a tilintar, colleando pelo valle.

Ao monte, enxada ao hombro, o lavrador fragueiro;  
A cachopa a bater as pedras do ribeiro,  
E o destro maioral, co'a boiada bravia,  
Lá vão a labutar por todo o santo dia!

Inda estrellas no céo. Lá vão! . . . Clareia agora:  
As sombras, a tremer, refogem com a aurora!

1900.





NADA!

LIVROS de grandes lombada,  
E tudo, fio a pavio,  
Uma estupenda maçada!...  
Do paiz... nem o arrepio  
D'um pico salgado... Nada!

.....

Nas serras da nossa Beira,  
Um magusto de castanha,  
E circumdando a lareira,  
Olhos de força tamanha,  
Que matam por brincadeira!...

A cantar a canna verde  
Uma cachopa de Aveiro,  
Chispando como um valverde,  
De tamanquinha e sombreiro,  
Com que o mais santo se perde...

Revoluteando a bailar,  
Arrecadas, rendas brancas,  
Olhos em braza a saltar,  
Batendo as roliças ancas,  
Derreada sobre o par!...

No Alemtejo, manhã fria,  
Pelos bravios montados,  
A retumbar a alegria  
D'alguns moços bem plantados  
Que lá vão á montaria!...

Nas nossas vastas campinas  
Novilhos brincões mugindo,  
Pelas tardes crystallinas,  
Entonados, investindo,  
Provando as forças taurinas!...

Com os passados alentos,  
Propiciarmos o futuro,  
E ás minas dos monumentos  
Arrancarmos o oiro puro  
Dos nacionaes sentimentos!...

Nada!... Extrangeiras figuras,  
Repintadas bem ou mal,  
Que ás primeiras raspaduras  
Deixam vêr o original,  
A rir das caricaturas!

1903.





## HYMNO

---

NÃO ha senão sangue e lagrimas

N'este desterro?...

Nem o refflorir de um dia?...

Maldita neurasthenia...

Morrão de enterro!

.....

Quanto aos olhos se desfaz  
Transforma-se em luz vivaz,  
Em força providencial,  
Que de toda a natureza  
Sobe para o ideal  
Da virtude e da belleza!

Canta a estrella nas alturas,  
E ao vir o sol no horizonte  
Até o espargo no monte,  
E os cardos pelas agruras!

O véo negro da inconsciencia  
Correu-se de idade a idade,  
E agora á voz da sciencia  
Resgata-se a humanidade.

O verbo, sempre efficaz,  
Circumda instantaneo a terra,  
E as maravilhas da guerra  
Já são primicias da paz.

Bemditos labutadores,  
Seremos, olhando além...  
Alheios ás proprias dôres,  
Conquistam triumphadores,  
Como apóstolos do bem!

Maldita misanthropia,  
Onde se abysma o talento  
N'uma esteril agonia!...

N'este grandioso momento,  
O saber universal,  
Ganha a batalha campal:

Gloria Excelsa ao novo dia!

1905.







## ARTE

*A Filho de Almeida*

SURGES da folha morta, eterna primavera,  
Arte, supremo encanto! — imperio do ideal,  
Nos abysmos do mar, nas estrellas da esphera,  
Nas violetas d'abril, no rugir da panthera,  
E no infinito amor d'um beijo maternal!

Crias um mundo novo em fulvas phantasias!  
Tudo quanto acabou teu sopro reconstroe!  
Dás voz ao cepo inerte, ás brenhas, melodias,  
A extinctas gerações o sol de novos dias;  
Tiras da pedra a Deusa, e do bronze um Heroe!

E sempre juvenil quem se abraça comtigo!  
A dôr, no teu regaço, é solio, não é cruz!  
Se cae um filho teu nas sombras do jazigo —  
Sepultura da inveja! — ó Arte, ao teu abrigo,  
Da valla se alevanta em columna de luz!

1897.





## TRABALHO E SCIENCIA

.....  
Canta, canta, no espaço, alegre a celebrar  
O infinito do amor, no eterno verbo amar.

*Livro do Monte.*

**J**USTOS!... não ha. O mundo hoje é diverso.  
Ao mundo veiu um dia a etherea luz;  
Era Christo!... Pregaram-no na Cruz,  
Com dois ladrões; um bom, outro perverso.

Não pensemos agora em santidades...  
Vamos a vêr se a prepotencia humana  
Se torna menos vil, sangrenta, insana,  
Se tem mão nas crueis iniquidades.

A multidão faminta é sempre inquieta.  
A terra negra! Sem o trigo loiro,  
Não ha christão, judeu, turco, nem moiro,  
Que vá para a Thebaida como Asceta.

Então?... Então lutar em prol do bem,  
Olhos postos no azul da immensa esphera.  
Ha de vencer quem nunca desespera,  
Quem não tem no seu peito odio a ninguem!

Amar, amar, nas sombras, o ignorante;  
Levar a luz ao tredo scelerado,  
E dizer-lhe:—Resurge, desgraçado,  
Que também do carvão sae o diamante!

Mãos á obra; sem tregoa. Cada qual  
Que procure, nos meios da sciencia,  
Resgatar as miserias da existencia,  
Lograr o pão e a paz... Modesto ideal!

1905.







## VOLTANDO DE ROMA

LEVADO por illusões  
Fui, e tacteei c'ò as mãos proprias  
O templo das ambições...  
Não me surgiu um dilúculo  
Das christengas tradições!

Nazareno, Redemptor,  
Dá-nos nova sede d'agua  
Da fonte do teu amor,  
Que morremos n'esta fragua  
Como tu na cruz, Senhor!

Vem do azul da madrugada  
Á flor o orvalho, e de lá,  
Da sempiterna alvorada,  
Onde estás, não chegam cá  
Senão lagrimas, mais nada!

Será por que alguns levitas  
Perverteram a piedade  
Das tuas vozes bemditas,  
Nas sombras da iniquidade,  
Com maldades infinitas?!...

Pode acaso Satanaz  
Na terra vencer a Deus?...  
Pois este mundo não faz  
Parte d'esses orbes teus,  
Onde tudo é luz e paz!

Tu não nos podes valer,  
Tu, que até das immundicias  
Nos dás a flôr a romper,  
Com as virginaes primicias  
No teu ignoto poder!...

.....

Leão de excelsa nobreza,  
Translucido! Cae do solio,  
E, de tamanha grandeza,  
Só nos deixa, como espolio,  
A grei n'uma lucta acceza!

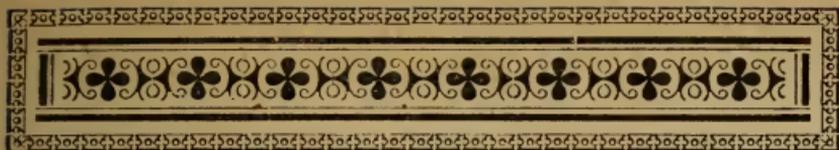
Nós que havemos de esperar,  
Filhos do consorcio tragico  
De Adão e Eva?... Acabar  
Às mãos dos Cains lendarios?...  
A lenda é que ha de findar!

Largou barco e redes Pedro.  
Christo já não volta a Roma,  
Ter mão no mystico cedro;  
Não invoquemos Sodoma,  
Nem apologos de Phedro!

O scisma vem torrencial  
Ao seio do Vaticano;  
Talvez que a lava caudal  
Redima o genero humano  
Do Peccado Original!

1906.





BENTO ESPINOSA

B<sub>ENTO</sub> Espinosa, o Judeu,  
Oriundo da nossa terra,  
Deitou os Deuses a terra.

E tambem arremetteu,  
De gladio em punho, o cruel,  
Contra o seu Deus d'Israel!...

Da Synagoga maldito;  
Maldito,—do Vaticano;  
Só da sciencia bemdito!

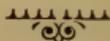
Este obscuro vidraceiro,  
Como um vulcão d'um abysmo,  
Rompeu, dando o Pantheismo,  
Assombro do mundo inteiro!

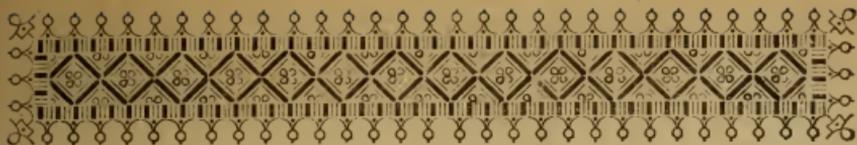
.....

Ha pouco foi coroadado,  
Por um dos nossos poetas,  
De rosas e violetas  
Do aroma mais delicado,  
No Ar Livre, puro e lavado.

Porém, se o destino adverso,  
Faz que a chusma dos patetas  
Descante Espinosa em verso...

Ai! do Espinosa... Coitado!





## BRUXARIAS

---

QUE é isto, que em plena paz,  
Prenuncios de bom futuro,  
Em sobresaltos nos traz  
Sem que uma nuvem minaz  
Se entreveja no céu puro?

Correm brisas de feição,  
O barco bem mareado;  
Mas toda a tripulação  
Tem um ar desconfiado  
De quem espera tufão!...

Os charlatões, n'outros dias,  
Descobriam o porvir,  
Com as suas alchimias;  
Hoje tudo isso faz rir,  
E comtudo... ha bruxarias!

Pois com tão serenos mares,  
E risonhos firmamentos,  
Tremem de crueis azares!...  
Serão só presentimentos,  
Ou coisas que andem nos ares?!

1906.





## VERSOS CAPARICANOS

*Conselhos a um rapazito esperto*

---

BOM successo ninguem diz,  
Fica melhor *delivrança*,  
Que assim se fala na França,  
E as modas vêm de Paris.

Tampouco sobrelevar,  
Que em portuguez transcendente  
Salientar vem de saliente,  
E cae-lhe mesmo a matar!

A palavra concorrência  
Passou como velharia.  
Fica melhor hoje em dia  
Dar-lhe o nome de Assistencia.

Rapariga... ouves dizer;  
(Anda sempre de alcateia  
Contra estas falas da aldeia.)  
*Mademoiselle*, ha de ser.

Não uses, moço discreto,  
Jámais de completamente,  
Que a geringonça, actualmente  
Não quer senão: por completo.

Fétiche, afirma o Littré  
Vir do portuguez feitiço;  
Mas tu não me digas isso,  
Senão *fétiche en français!*

Tambem um pico de inglez  
Não destoa n'este instante.  
*Flirtar* é mais elegante,  
Que o cortejar portuguez.

Montra?... Sim. Então que tal...  
Havia ser mostrador?...  
São coisas que têm bolor,  
Sediças... de Portugal!

Hoje, phrase de puristas,  
Com elegancia a valer,  
Francez e inglez ha de ter,  
Senão é de Quinhentistas.

Companheira é como chama  
Á mulher o povo inculto,  
O burguez, homem mais culto,  
Não diz senão: a madama!

O tempo, corrente viva,  
Nos leva no turbilhão,  
Pae e mãe do coração,  
Da bôca a lingua nativa!

Se um joven na adolescencia  
Dá em verso o seu recado,  
É chamar-lhe um consagrado,  
*Double* de varia sciencia!

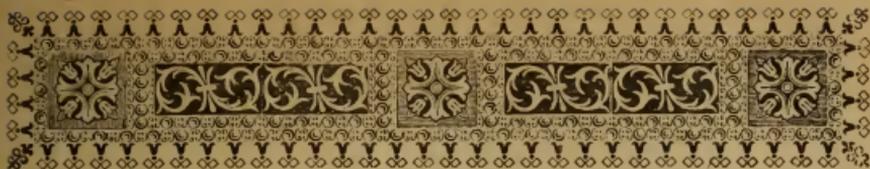
Se algum intellectual,  
(Isto de ter intellecto  
É só para o mais dilecto  
Do misterio genial!)

Rompe n'um grande fracasso,  
Botando fumos de estheta,  
Embora seja um pateta,  
Chama-lhe tu: talentasso!

1905.







## BLUETTAS

BLUETTAS?... E por que não?  
Em mudando a desinencia,  
O francez fica um pimpão,  
Portuguez da quinta essencia!

Agora temos na berra,  
Um joven prodigio em flôr,  
Que é já tambem orador:  
Ha tantos na nossa terra!...

A bôca, um cravo; olho gaio;  
E todo elle, na frescura,  
Um damasquinho de maio,  
Sem ser nma formosura.

Não houve ninguem jámais,  
Com tal arte e tal remango  
A bailar *jota* e fandango  
Pelo Estoril e Cascaes!

Fidalgo, e d'uma prosapia,  
Que nos *tombos* do paiz,  
Por mais que busquem paleographos,  
Nenhum lhe encontra a raiz!

Nem pelas linhas legitimas,  
Nem pelas de bastardia,  
Se lhe descobrem os titulos  
Da sua alta gerarchia!

Basta, porém, vêr-lhe a pinta,  
E o requebro senhoril;  
Resae da sombra, entre mil,  
A figurinha distincta.

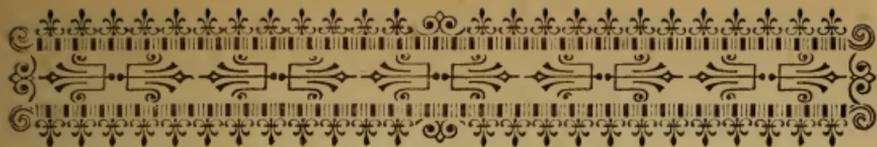
Nunca soube marinhar,  
Pelo pau da corriola,  
Marujito rapazola,  
Como elle sabe trepar!

Que bacharel genial!...  
Se não pode ser, coitado,  
Almirante ou marechal,  
Vae ser ministro de Estado!

Mas por um certo meneio,  
E uns tiques d'este rapaz,  
Diz muita lingua mordaz...  
Emfim... Fique a historia em meio!

1906.





Á EMINENTE ESCRIPTORA

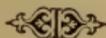
D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

*Offerecendo-lhe o III volume das minhas Memórias*

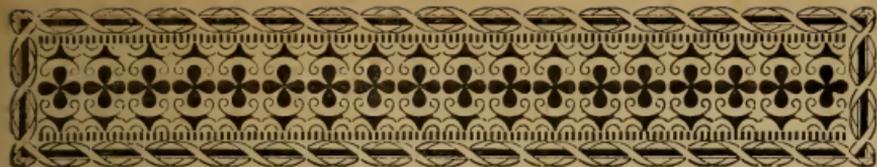
---

B EIJEI-TE no teu bercito.  
Saudei-te, o talento um dia.  
Fui dos teus, que nos deixaram . . .  
Vê como sou teu, Maria!

1907.







IDYLLIO DE UM VELHO

NATAL de Christo foi-se em dezembro;  
Não restam ondas do inverno bravo.  
Celebra nupcias a primavera:  
Casam dois noivos: a rosa e o cravo.

.....

Maio florindo valles e montes;  
Maio apontando fructos córados;  
Maio dormindo nas longas tardes; ..  
Tardes bemditas dos namorados!

Canta o laverco no céu aos pairos;  
Zumbem abelhas por entre flores.  
Faz uns acenos, manda um suspiro,  
Maio aos rapazes que tem amores!

Relembra o velho dias da aurora,  
E vae-se ás rosas da mocidade...  
Brincão travesso, maio ás risadas,  
Dá-lhe os espinhós de uma saudade!

Ao mesmo passo que aos seus efluvios,  
Uma creança, quasi mulher,  
Lá vae tirando, com dedos tremulos,  
As folhas de oiro de um mal-me-quer!

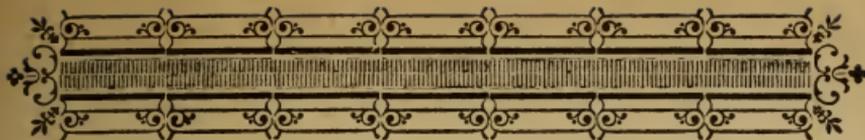
.....

Ah! velho, velho, que os teus idyllios  
Já não têm rosas; mas qualquer dia,  
Has de encontral-as — e sem espinhos,  
Sob as violetas da terra fria!

1907.







## A SYMPATHIA

---

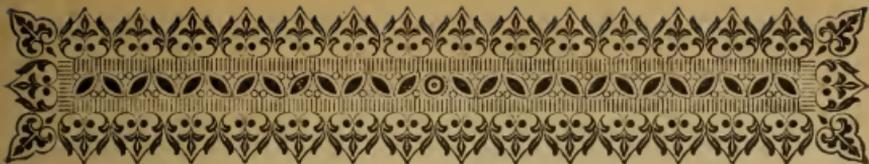
Não houve nunca esculptor  
Que do marmor te arrancasse;  
Nem pintor,  
Que, n'um relance de genio,  
Te retratasse.

Não tens fórma... e és quanto ha bello!  
Dás o amor sem o ciume,  
E com o mago perfume,  
Que ha n'um beijo virginal!

A nada obrigas. Comtudo,  
Esse nada... esse ideal...  
Domina tudo!

1896.





AOS OLHOS DA MINHA VISINHA

QUANDO assomas á janella,  
A' hora em que foge o dia,  
E já no céo principia  
A accender-se alguma estrella;

Com que extranho desalento,  
E pallidez namorada,  
Erguendo a fronte annuviada  
Contemplas o firmamento!

Dos astros, que vês além,  
Terás ciumes talvez?  
Quem tem teus olhos, bem vês,  
Não tem zelos de ninguém!

Olhos em fórma de amendoa,  
Negros, de um negro retinto...  
A luz de certo a não pinto,  
Que só se concebe, vendo-a!

Ninguém com ella se afoite,  
Que de repente fuzila,  
Na tua ardente pupilla,  
Como um relampago á noite!

E a tristeza a perseguir-te,  
E n'um fatal magnetismo,  
Pareces sondar o abysmo  
Em que procuras sumir-te!

A causa d'essa amargura  
Provem de versos vulcanicos,  
Com que os poetas satanicos  
Fulminam a formosura?!

Nasceste em dias malditos,  
Visinha desventurada,  
Que não podes ser cantada  
Por ter olhos tão bonitos!

Deixa-os. Não ha de faltar,  
Peregrina Philomella,  
Que ao pé da tua janella,  
Teus olhos saiba cantar.

Nas velhas canções embora,  
D'entre as balseiras virentes,  
Quando as estrellas fulgentes  
Desmaiam á luz da aurora!

E tu, aos clarões do sol,  
Revê-te no teu espelho,  
E ri dos que chamam velho  
Ao amor e ao rouxinol!

Semsaborões desastrados!  
Em topando este ou aquelle  
Desvia teus olhos d'elle,  
Para mal de seus peccados;

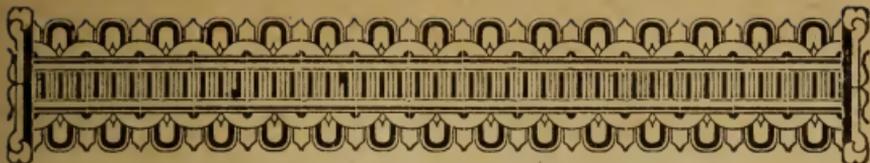
E alegres, nadando em luz,  
Crava-os no céo, nas estrellas,  
N'essas velhas bagatellas,  
Com que o velho amor seduz!

.....  
Deixa os funebres cantores,  
E juro por vida minha,  
Que has de ter versos visinha,  
Aos teus olhos tentadores!

(Hoje.)







IDYLLIO PAGÃO

OLHA — a primavera assoma!  
Vê como trocam a flux,  
As rosas beijos de aroma,  
E os astros beijos de luz!

Vamos pelos campos fóra.  
És noiva: o noivo te espera.  
Tivesse eu também agora  
A minh'alma em primavera!

E ao pé da rutila fonte,  
Colmada da tilia em flôr,  
Como o velho Anacreonte  
Podesse cantar o amor!

Mas vem tu que o teu sorriso  
A' Grecia rouba um idyllio,  
E repete de improviso  
Versos do proprio Virgilio!

Chegaram de novo os dias  
Dos aureos numes! Voltando  
Para immortaes alegrias,  
Que vida no ethereo bando!

O val nemoroso e umbrio,  
Onde não entrou jámais  
Um raio de sol do estio,  
Tem rumores ideaes!

Das andorinhas palreiras  
Já se approxima a colonia.  
Bailam nymphas nas ribeiras  
Ao som de flauta midonia!

Cantam os nodosos troncos  
Do pomar que abrindo vem;  
E até os penedos broncos  
Parecem ter voz tambem!

São as abelhas do Hymetto,  
Que andam a zumbir no prado.  
E, pelo formoso aspecto,  
Aquelle toiro raiado—

Tal qual o descreve Moscho—  
Olho azul, cabeça erguida,  
Encrespada de oiro fosco,  
Armadura alta e brunida;

Será um Deus? Vem raptar  
D'esta encantadora estancia,  
Europa, que anda a folgar  
Co'as damas socias da infancia?

Fujamos d'elle. É capaz,  
Enganando-se contigo,  
De romper cego e minaz,  
E arrebatat-te comsigo!

Corre, que o noivo te espera!  
Celebra as nupcias o sol;  
É madrinha a primavera,  
E padrinho o rouxinol!

.....  
Depois sombras mysteriosas...  
E tu a trocar a flux,  
Como os astros, como as rosas,  
Beijos de aroma e de luz!

(Hoje.)







SUNT LACRIMÆ RERUM!

---

**D**EIXEI na cidade as satyras,  
Com as brumas da invernia:  
Venho ao campo — dia esplendido!  
E eu alegre como o dia!

Tardou em chegar abril!  
Mas agora é que deveras  
Vem mais robusto e gentil  
Do que n'outras primaveras.

Rebenta na encosta os pampanos,  
Enflora o pomar nas hortas.  
Cheio o regaço de dadivas,  
Já bate a todas as portas!

É tal a força de luz  
E de vigor, que elle traz,  
Que ao vêr-lhe a face, eu suppuz  
Que estava feito um rapaz! .

Em volta do ninho os passaros,  
Palpitando de desejos;  
E as rosas, abrindo as tunicas,  
Aos cravos atiram beijos!

Quando até as proprias rosas  
Beijam cravos, a tremer,  
Quantas coisas mysteriosas  
No coração da mulher!...

Este bello sol deslumbra-me,  
E arreбата-me ao passado...  
Era assim!... Um dia fulgido!  
Céo azul, em flôr o prado!

Um vestidito singelo,  
Ao peito um cravo vermelho,  
Posto em tranças o cabello;  
E sem consultar o espelho,

Vinha comigo. Julgando-me  
Moço de rara sapiencia,  
Ouvia, exultando, as syntheses,  
Proprias da minha sciencia...

Cantavam ao desafio,  
Nas pedras batendo as roupas,  
As lavadeiras no rio,  
E as toutinegras nas choupas.

Rosada, fresca, alegríssima —  
Encantadora creança, —  
Raiavam-lhe os olhos lípidos,  
E verdes como a esperança!

Um malmequer do balseado  
Tomou nas mãos pequeninas,  
E foi dizendo, em segredo,  
As palavras sybillinas.

— Muito, muito! — exclamou, tremula,  
E pela primeira vez,  
Demudou-lhe o rosto, subita,  
Uma grande pallidez!

Ao despedir-se de mim,  
N'um vivo aperto de mão,  
Disse tudo quanto emfim  
Diz, na mudez a paixão!

E cahiu d'aquellas palpebras  
Uma perola do amor,  
Como cae o orvalho rutilo  
Da aurora sobre uma flôr!

.....  
Ha muito que a rosa agreste,  
De olhos verdes como a esp'rança,  
Dorme á sombra d'um cypreste...  
Desventurada creança!

Ó sol d'abril, tu cegaste-me!  
Debalde acudo ao passado,  
Que não volta a flôr do espirito,  
Como volta a flôr do prado!

(Hoje.)







## DERRADEIRA AMBIÇÃO!

---

**V**I-TE, a primeira vez, ao seio immaculado  
De tua santa mãe—creança encantadora!  
N'aquelle mesmo instante havias acordado.  
Abrindo o teu olhar, como abre a flôr do prado,  
Tinha o vago de um sonho e a graça de uma aurora!

Ufana, tua mãe erguia-te nos braços:  
Tu batias as mãos rosadas, pequeninas,  
Como, á beira do ninho, as aves das campinas  
Batem a azita implume, em busca dos espaços!

Ah! creança de então, pudesse eu vêr-te agora  
Unida a um filho meu; e como tu outr'ora—  
Na fria solidão, que para mim chegou—  
Tambem uma creança, alegre, seductora,  
Sorrir-me em teu regaço e balbuciar:—Avô!

(Hoje.)





TEMPO SEGURO

---

**A**CUDIRAM á Costa as negras de sardinha,  
Remedio salvador da gente pobresinha,  
Que andava na penuria ha pouco n'esta terra!

Venha o norte a puchar dos pincares da serra;  
 Voltemos, com o arado, o flórido ervaçal.  
 Correndo tempo assim pinta um anno real!

Deus o traga! As paixões, na sanha rancorosa,  
 Andam-se a remorder; enquanto na cardosa,  
 Na volta do trabalho, alegres os ganhões,  
 Aquecem á lareira as mãos e os corações!

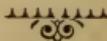
Não podem entender,  
 Na sua ingenuidade, os ecos taciturnos,  
 Que chegam do paiz diarios e nocturnos;  
 Ecos para tremer!

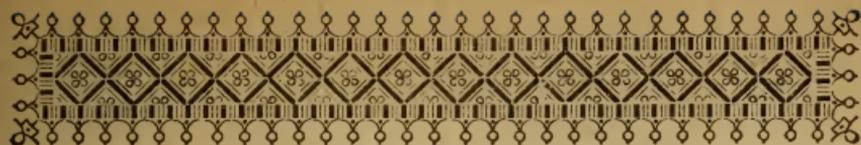
.....

O tempo vae seguro.  
 N'ete profundo azul que vence os Apeninos,  
 Na graça e no primor de dias crystalinos,  
 A tragedia refoge!...

O futuro? O futuro?!...

1908.





## TERRA

---

QUANDO é que chegará o dia millenario  
Em que venha a findar o furacão da guerra,  
E tu sejas sacrario  
Da abundancia, da paz, do santo amor, ó terra?

Quem foi que te gerou? Um sopro mysterioso,  
Ignoto ao ser humano.

Aqui, por esse além, nos páramos do espaço,  
Nos mundos do infinito, em luminoso traço,  
Tu serás para nós o sempiterno arcano!

O sangue das legiões, na bruta feridade  
Da humana condição, não conseguiu ainda  
Macular no teu peito a candida bondade:  
Peito, que dá o pão, o fructo, a flôr mais linda!

Jogada ao teu regaço, a propria corrupção,  
Rebenta toda em luz!...

Terra fecundadora,  
No grande coração,  
Só aos homens darás a noite sem aurora!?. . .

---

Deixemos no ideal estas nuvens do Espirito!

O tu, ó Cavador, ó bravo camarada,  
Deita as mãos varonis á tua arma sagrada;  
Desbrava os mattagaes, da aurora até o vespero;  
Abre uma valla enorme onde caibam os despotas,  
E descança depois, pondo ao teu hombro a enxada!

1908.







MOTE PROPRIO

Assim que puz os meus olhos  
Em vossos olhos, Jesus!  
Fuzilou-me um tal relampago,  
Que fiz o signal da cruz!

## VOLTAS

Senhora! des que vos vi,  
— Que fatal deslumbramento! —  
Não só a vista perdi,  
Mas também o entendimento!  
Porque não ha entender,  
Que uns olhos de tanta luz  
— É fugir d'elles, Jesus! —  
Tenham condão singular  
De envez de alumiar, cegar!

Ao que não vê, pela mão  
Um pobre infante o acompanha;  
Mas vós — crueldade extranha! —  
Apagando os olhos meus,  
Com mal contida impaciencia,  
Dizeis-me:

— «Tenha paciencia.

«Irmãosinho, vá com Deus!»

---

Senhora, o rapaz, coitado,  
Que me fez a confissão  
Do seu lastimoso estado,  
Se lhe fizeste em pedaços  
Os olhos e o coração,  
Ao menos por compaixão,  
Amparai-o em vossos braços!

1908.







## O QUINTALITO

*Georgica*

*A Candido de Figueiredo*

---

NEM se lhe pode dar o nome de quinchoso  
Ao breve quintalito. E comtudo é mimoso  
Do espinafre, a lombarda, o mordente almeirão;  
Da tenra couve flôr, da ervilha trepadeira,  
Que se faz com a bage e custa um dinheirão  
Quando vem como amostra á Praça da Figueira.

Não lhe falta a alcachofra, a de Italia, e com ella  
As chalotas, o espargo, a activa pimpinella,  
A alface lisboeta e tambem a romana,  
Que não lhe dá de rosto á nossa luzitana.

Para qualquer biscato ervas finas, em summa,  
Tirar sem escolher, nem engeitar nenhuma.

Não havendo pomar, nem azeite, nem vinho,  
Que mais pode fazer o provido cantinho?!

Falhando-me da oliva o picaro sainete,  
Para me appetitar acudo ao rabanete.

Na mesa familiar um tudo nada é vida,  
Bem como em campo agreste ingenua margarida.

Quando vem a romper lá do nascente o dia,  
Dia de Portugal na força da invernía,  
Seja o frio cruel, vendo a manhã bonita,  
Não me posso ter mão, e vou-me á hortasita,  
Alevantar do chão, sem medo da orvalhada,  
Quanto produz de bom a granja improvisada:

Torrão que me recorda alguns dias felizes  
Em que eu, por mattagaes, me atirava ás perdizes,  
Com a Tulia e Marino, a bater os montados...  
Os dois estão ali, n'uma cova, coitados!

---

Basta de vendavaes. Agora tempo brando,  
E solsinho de Deus, que a fome entra nadando.

Cautela na geada. É boa no olival,  
E nas folhas de pão; mas nas hortas fatal.

Tratemos de colmar o tenro dos canteiros,  
Que se o gelo lhes cae arraza-me os viveiros.

Sem maculas e em pé aponta a lua nova:  
Tenho seguro um mez; não quero maior prova.

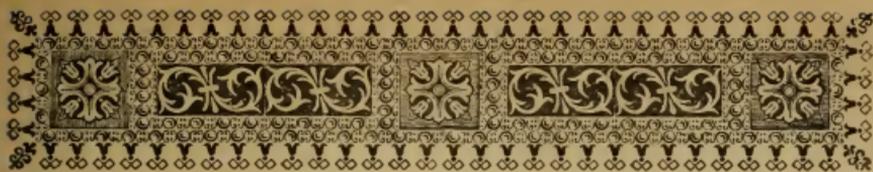
Este palmo de terra — inda assim arrendado —  
Perto de oitenta já, vale por um condado!

1908.



PÓ E SOMBRA . . .





## CONFISSÃO

---

FUI na infancia catholico exaltado;  
Tudo era para mim edificante,  
Vêr o altar, vêr o throno scintillante,  
Ouvir na igreja a voz do orgão sagrado!

Foi-se apagando o amor arrebatado,  
E a sciencia levou-me n'um instante,  
Com o sopro glacial e penetrante,  
O edificio de luz do meu passado!

Deitei-me aos pés dos grandes missionarios,  
Na eloquencia e na fé extraordinarios;  
Nenhum d'elles me deu sombras d'esp'rança!

Ó crenças infantis, talvez agora  
Volteis a mim, ardentes como outr'ora:  
Diz-se que um velho torna a ser creança!...

1908.



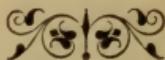


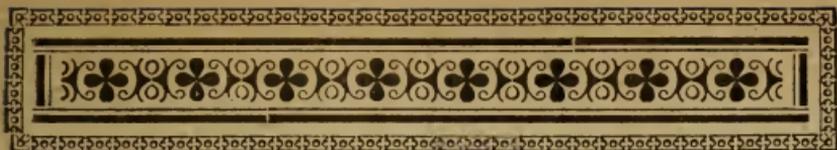
DIA DE FINADOS

PARA a sciencia não ha  
Hoje dia de finados:  
A vida não findará.

Porém, quantos desgraçados,  
Sabios dos mais afamados,  
Vão, a occultas, n'este dia,  
Beijar sobre a pedra fria,  
Os seus mortos adorados!

1906.





## O VELHO E O INFANTE



**L**EVAM um velho a enterrar  
Aos hombros, quatro tumbeiros,  
Desencontrando as passadas,  
E a rosnar como rafeiros.

O pobre velho lá vae,  
Vae para a valla sombria,  
Aos baldões da má fortuna,  
Que teve quando vivia!

Como o esquife é descoberto,  
Na morte, fria de gelo,  
O velhinho tem ainda  
O sol de Deus a aquecê-lo!

Atraz, a bem poucos passos,  
Cadenciados, com ar serio,  
Levam quatro rapazitos  
Um infante ao cemiterio.

No caixãosinho vermelho,  
Como a dormir, embalado,  
Ao sol, que lhe dá no rosto,  
Parece sorrir, coitado!

Entram pelo Campo-Santo,  
Os tumbeiros disputando;  
Ao pé d'elles os pequenos  
Com o seu morto e chorando!

Luzeiro do firmamento,  
Em pleno dia e radiante,  
Duas pás de terra apagante  
Para o velho e para o infante!

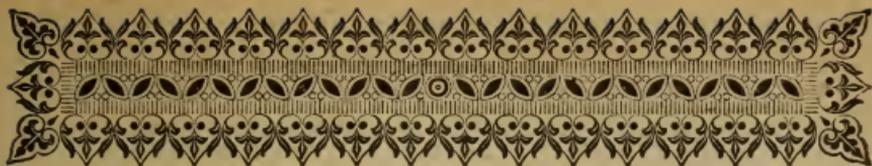
Que importa se nos espaços  
Continuas a brilhar,  
E a humanidade, por seculos  
Só contigo ha de acabar!

Exulta, soberba humana,  
Egual destino has de ter:  
Morrer na terra no instante  
Em que o sol no céo morrer!

.....  
Assim eu tambem pudesse  
Fugir á cruenta prova  
De vêr o sol rutilando,  
E tudo que amei... na cova!

1905.





I

ALVORADA

*Á memoria de meu sobrinho Raphael de Bulhão Pato*

---

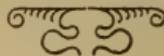
LATIRAM no canil *Lady* e *Medora*;  
Rompe a calhandra a turbida neblina,  
E descobrindo a estrella matutina,  
Redobra os paíros, reclamando a aurora.

Raphael— que alvorada encantadora!...  
Corre o norte dos visos da collina;  
A bruma rarefeita e crystalina,  
Lá vae, em turbilhões, campina fóra.

Parece que minh'alma recupera,  
Ao sopro da tua alma em primavera,  
Meu Raphael, a mocidade... Assim,

Este matiz de sombras e alegria,  
Que eu vejo agora, tu verás um dia,  
Beijando os filhos e pensando em mim!

1898.





## II

### NOITE

---

V<sub>EM</sub> a noite. Da umbria d'este Monte  
Avisto o mar ao longe encapellado;  
Cae nas ondas o sol ensanguentado,  
Refulge e morre. É trevas o horisonte.

Recresce a noite. A lua eleva a fronte,  
E surge do nascente em céu nublado,  
Annunciando no rosto maculado  
O temporal, quando a manhã desponte.

Aquella madrugada encantadora,  
Sou eu que a lembro, Raphael, agora,  
Na solidão da minha dôr cruel!...

Sou eu que abraço a tua filha infante,  
Que tu beijavas tanta vez radiante,  
E te vejo na cova, Raphael!

1898.





M O R T A

Ouvi bater o caixão  
Em que te foste a enterrar,

Era a tarde de verão;  
O sol morria no mar.

Veu a noite. Desde então  
Nunca mais ouvi pulsar,  
No meu peito, o coração...

Levaste-o no teu caixão,  
Quando te foste a enterrar.

O tu, coveiro, vae lá;  
Entra-me fundo a cavar...  
Se, na tumba que os encerra,  
O d'ella não palpitar,  
Deixa o meu, que vivo está,  
E calca sobre elle a terra!

1906.





I

NO CORAÇÃO! . . .

*Ao meu querido Julio — Visconde de Castilho*

— **B**ONITA não; mas era insinuante,  
No esmalte das pupillas reflectia  
O poder singular da sympathia,  
O genio ao mesmo tempo ativo e amante!

Como filha adorou-te desde infante:  
Depois, nas proprias vascas da agonia,  
Deu-te n'um beijo quanto n'alma havia,  
Sob o gelo do pallido semblante!

Confesso, amigo, que me causa espanto,  
Nem ao menos te vêr baga de pranto  
Cahir sombria de teus olhos baços!...

— Não a devo chorar. Queres a prova?...  
Se a tenho quente ainda nos meus braços,  
Viva no coração... que é tambem cova!

1907.





SOMBRA!...

---

**H**EI de tornar-te a vên, sombra adorada,  
(Assim a morte para mim é vida!)  
Das miserias humanas redemida,  
Que te amei como filha immaculada!

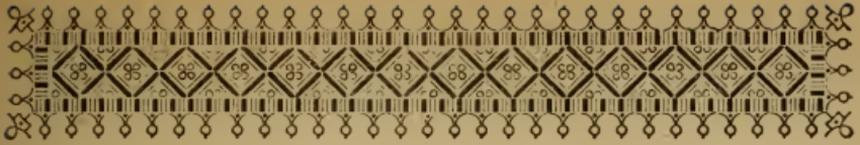
Hei de ouvir-te na voz apaixonada,  
Tão crystalina como enternecida,  
Dizer, em luz etherea confundida:  
—«Serei agora eternamente amada!»

Mas a sciencia com seus labios frios,  
Os seus olhos serenos, mas sombrios,  
O seu sorriso bom, porém glacial;

Diz-me implacavel, tudo que ha mais triste:  
—«Nada morre. Ella existe, sim, existe,  
No intangivel, no vago, no ideal!»

1907.





### III

NA ETERNA PAZ!

**D**ois annos ha, creança, que morreste.  
A jazida onde estás é muda e fria;  
Abrindo o sol, em primavera, o dia  
Não te dá uma flôr da terra agreste;

Terra negra, e sinistra do cypreste,  
Das lagrimas sangrentas de agonia,  
Da valla da miseria, ampla e sombria,  
Que infesta os ares e produz a peste.

Mas tu, na cova, tu não sentes nada;  
Nem raio a fuzilar, nem mar dormente,  
Nem soluços de voz apaixonada!

Sem as angustias que a minh'alma sente,  
No silencio e na paz d'essa morada,  
Como serás feliz eternamente...

1907.





## DOIS BEIJOS

*A um recém-nascido que ia a enterrar*

---

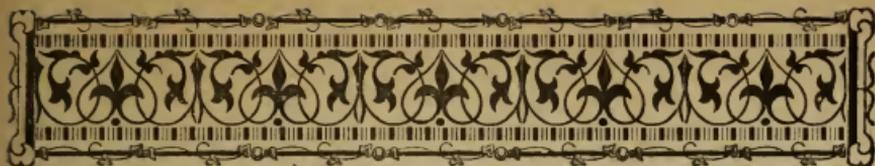
Dois beijos tiveste um dia,  
Da aurora quando nasceste,  
E á tarde quando morreste,  
Do sol que tambem morria.

Foi ditosa a tua sorte,  
Nos instantaneos lampejos;  
Quantos não têm d'esses beijos,  
Nem na vida nem na morte!

O sol, no espaço de um dia,  
Que mais podia fazer,  
Que dar-te um beijo ao nascer,  
E um beijo quando morria!

189...





I

SCEPTRO E COROA

---

SEM carregar as sombras do passado...  
Não accuso ninguem, ninguem odeio;  
Mas a consciencia, viva no meu seio,  
A consciencia me diz quem foi culpado!

Vem abrindo horisonté illuminado,  
Entramos n'outra vida e n'outro meio.  
Veremos, sem a nuvem do receio,  
Alguns dias de sol abençoado?

Em pleno inverno, ou no florido maio,  
— Tendo azas negras! — passa como um raio  
O tempo no seu curso omnipotente.

Vê o tempo em que estás! Sceptro e corôa,  
Bem sabes onde estão! . . . Amá e perdôa:  
Orfão Infante, e Rei adolescente!

1908.





II

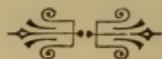
**D**EUS te livre ámanhã que alguns bandidos,  
Nas torvas ambições logrem cegar-te!  
Pela voz da nação deves nortear-te.  
Deu-te o solio a nação, não os validos.

Applica, sempre attento, os teus ouvidos  
Aos rumores que vão por toda a parte,  
Se não queres nas ondas afundar-te,  
Com o throno e os escudos abatidos!

Tens coração e vivo entendimento.  
Um seculo correu-te n'um momento,  
Com o sangue paterno e fraternal!...

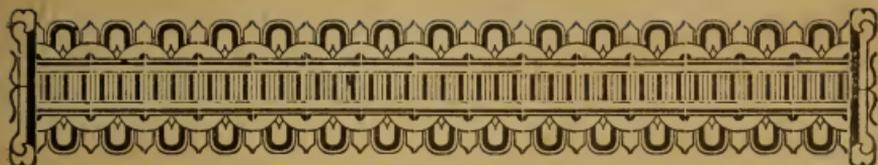
A dôr é mãe do bem, e da equidade.  
Firme e sereno abraça a liberdade,  
Enxuga os olhos... e conjura o mal!

1908.



NO SECULO XIV





I

A SESTA DA RAINHA

*A Luiz de Magalhães*

TARDE canicular, tarde de pleno agosto.

Calma branca no mar, e rubido o ponente;  
Ao mesmo passo em fogo as orlas do nascente:  
A lua vem rompendo em face do sol posto.

Com o intenso poder da luz dos horizontes,  
Que nas aguas faisca e purpurea os montes,  
Repinta-se o matiz do curvo firmamento.

Indizível momento  
Em que o céu tem agora,  
Às entradas da noite os visos de uma aurora!

São largos os clarões dos estivaes crepusculos.  
Fatigada, Leonor, distende os laços musculos;  
Assoma ao peitoril da ogiva majestosa,  
Que reflecte da tarde as tintas de oiro e rosa.

Offegante respira os languidos bafejos,  
Que vem frescos do mar como virginios beijos.

Encosta-se ao balcão, circumvagando a vista,  
Pelo quadro ideal, defeso a mão de artista.

Recebendo do occaso as frechas incendiadas,  
É Venus a surgir das espumas nevadas!

Que assombro de mulher!... Fulvos e desatados,  
Da lubrica entrevista, os cabellos ondeados,  
São manto de pudor ao seio palpitante,  
Marmor tornado em fogo ás volúpias do amante!

A bôca, haurindo o amor, ferve em beijos... Scintilla,  
Na ardencia sensual, orvalhada... a pupilla.  
Como aberta em marfim, a pequenina orelha,  
Um primor de cinzel, no lobulo... vermelha.

Aos impetos febris do orgasmo succedera,  
A morna flacidez da elastica panthera!

A leôa, essa tarde, em contracções nervosas,  
Do adulterio arrancara infamias deliciosas!

Andeiro quebrantado e curvo como servo,  
Deixara, havia pouco, o aposento protervo.

Á caça andava el-rei, rei, no monte, fragueiro;  
No Paço, aos pés da dona, um pobre cão rafeiro!

Moço de ar infantil chegou á porta, vinha  
Solicito esperar as ordens da rainha.  
Parou no limiar; mas ao sutil ruído,  
Leonor Telles voltou-se, e ao pagem seu valido,  
Accenando chamou.

A luz, vibrante ainda,  
Inundou o donzel de face casta e linda!

Entrando no aposento, estacou assombrado...  
Jámais os olhos seus haviam contemplado  
A estatua do impudor!...

Dava o leve sendal,  
O seio luminoso e como virginal!

Desapertado o cinto. A delgada cintura,  
Nos requebros flexil, e de jaspe na alvura.

Da finissima tela as pregas descuidadas,  
Punham alto relevo a fórmas não sonhadas!  
Na recamara havia um capitoso aroma  
Com um travo carnal das lupercaes de Roma.

Dom Nuno recebeu algumas ordens d'ella,  
Olhos postos no chão, rubro como donzella!

O rosto da rainha, embora peregrino,  
De subito assumira um ar luciferino!

Cuidara ter ouvido, ao voltar do balcão,  
Hostil, a vozear, de largo a multidão.

A Dom Nuno tambem a plebe rugidora,  
Que ouvira alguma vez, dizia tudo agora!

Abandonando o Paço, inquieto e scismador,  
Foi-se ao Mestre d'Aviz,—o seu irmão no amor!

A lua alta no espaço. Esplendida a cidade;  
Mas nos ecos havia um tom de tempestade!





II

AS NUPCIAS DO HEROE

**D**EZESEIS annos contava,  
E já n'aquella pupilla,  
Meditativa e tranquilla,  
O genio se revelava!

Ora batendo os montados,  
Ora por campos floridos,  
Sempre nos seus sonhos mysticos,  
Sempre nas visões da gloria  
Punha sua alma e sentidos!

Comprazia-se de ver,  
Eutre as faias e os ulmeiros,  
Muito mansinho correr,  
Como correm os ribeiros,  
O Tejo, e depois chegar  
A ser, não um rio, um mar!

Tambem elle, o adolescente,  
Quem sabe se presentia  
Vir a tornar-se, algum dia,  
N'um guerreiro omnipotente,  
E mais tarde... eternamente,  
N'um santo sobre um altar!

O pae, como em confidencia,  
Falou-lhe em o consorciar,  
Com Dona de alta ascendencia;  
Dona que fôra casada,  
Porem, jámais ao marido,  
Como consorte ligada.

Que segredo singular! . . .  
Don Nuno, ouvindo, mudou  
De seu antigo pensar,  
E o coração lhe pulsou,  
Que parecia estalar  
Na sobrehumana alegria!

A luz sideral lhe abria  
Maio, no azul dos espaços,  
E ao mesmo tempo os seus braços  
A Virgem Santa Maria.

---

Ás terras do Bom Jardim,  
De seus vassallos cercada,  
Chegou de entre Doiro e Minho,  
A escolhida desposada.

Era pôr os olhos n'ella! . . .  
Tão branca como um arminho;  
Nas faces as rosas timidas;  
Em tudo o vivo retrato  
Da mais graciosa donzella!

Sem pompas, nem aparato,  
N'uma modesta capella,  
Que na propria casa havia,  
Deram-se as nupcias n'um dia,  
Vespera de santificado,  
Antes do sol levantado.

Quando os dois noivos passaram,  
N'um silencioso recato,  
O limiar do aposento,  
Os rouxinoes do cerrado,  
Nos improvisos cessaram,  
E tambem no firmamento  
As estrellas se apagaram,  
Na paz do santo noivado!







### III

## A VOLTA DO INFANTE

MARIA Telles não era  
Açucena immaculada;  
Porém, cahira coitada,  
Nas mãos de uma besta fera!

Ambicioso sem idéas,  
De genio tumultuario,  
O Infante tinha nas veias  
O veneno hereditario  
Do pae, de Pedro primeiro,  
Sempre louco sanguinario,  
E, a espaços, rei justiceiro.

A rainha perdoara,  
Com a sua alma christã,  
Ao homem que lhe matara  
A's punhaladas a irmã!

Elle era gentil senhor,  
E, nas bravuras da serra,  
Tão fragueiro monteador  
Como valente na guerra.

E ella sabia, que ás vezes,  
É bom havermos á mão,  
Amansadas certas rezes,  
Que tem de tigre e leão!

Mas á festa, á festa, á festa!...  
Longe, tigres e leões,  
E toda a idéa funesta,  
Que juvenis corações  
Vão ter uma noite agora  
Feita de rosas da aurora!

---

Nas salas entrou radiante  
E senhoril Leonor Telles  
Digna do pincel de Apelles!

Esbelto e bem posto, o infante  
Atravessou o salão  
Para lhe beijar a mão.

Fêl-o como homem galante,  
Que ás praxes sabe alliar  
A distincção elegante.

A rainha de seu animo  
Varreu sombras de cuidados.  
Vae ser a festa um delirio:  
Ai! dos amantes, coitados!

A' luz torrencial ressaie  
O primoroso lavor  
De veludos e brocados  
De telas de Quartanai.

Moveis de tanto valor  
Que o mais somenos seria,  
Para um fino entendedor,  
Um morgadio hoje em dia.

Os esplendidos tapizes  
De Bristol e de Allemanha,  
Crystaes d'uma fórma extranha,  
Dos mais variados matizes.

Amplas as quadras. Abobadas  
Em sumptuoso relevo,  
Obra de cinzel medievo,  
Que no sentimento artistico,  
E no poder ideal,  
Não teve nunca rival.

O truão, Don Anequim,  
Tange em fremente alegria  
Os cascaveis da folia:  
Não ha zombeteiro assim!

Ter mão com elle, ter mão,  
Que se topa um insolente,  
Com a lingua de serpente  
Põe-n'ó mais raso que o chão!

E possue, além da satyra,  
— Herdeiro de eras remotas —  
Os requintados primores,  
Que hoje nos dão parnasianos,  
E que ha tantissimos annos  
Nol-os deram trovadores;

Na fecundidade immensa  
D'esses dias germinaes,  
Que nem tiveram rivaes  
Nos dias da Renascença!

Sobre lubricos tapetes,  
Em cobras revoluteia,  
E vae da graciosa veia  
Tirando os seus vilancetes.

Diz a um grupo das mais bellas:  
«Nunca vi, em tanta aurora  
Nas rosas olhos de estrellas;  
Pois em vós os vejo agora!...

E seios a palpitar,  
Como las ondas do mar?...  
Tambem só em vós donzellas!...»

E depois a um gentil moço,  
Indicando-lhe uma d'ellas :

«Da que tem os olhos verdes,  
Se não foges, cavalleiro,  
Com seres um tal braceiro  
Fica certo que te perdes...

«Que não ha folha de espada,  
Que lhe resista á mirada!...

«E aquella!... aquella que vae,  
Com tanta graça bailando,  
De olhos negros, coriscando,  
Que nem o Monte Sinai!...

---

«Apega-te a Santa Barbara,  
Por que os olhos do teu par,  
Não são olhos, são relampagos,  
Que te podem assombrar!

«E vós, Senhora, tambem  
Tende mão na crueldade,  
Que assim não mata ninguem;

«Porque o verdugo mais fero,  
Pede perdão ao matar,  
E vós matais a bailar!

«Vive Deus! Folgar donzeis:  
Festa egual jámais tereis!»

E vendo os seus improvisos  
Colmados a cada passo  
De applausos e de sorrisos,  
O pobre histrião do Paço,  
Para comsigo, dizia :

«Dar a tantos alegria!...  
Ai! de mim! Se alguém houvesse,  
Que uma lagrima me desse!...»

Só dois entes adorava;  
O rei e Maria Telles:  
Daria a vida por elles!

N'uma nefasta alvorada,  
Viu a pòbre apunhalada,  
E ao seu rei o vê agora  
Uma sombra do que fôra!...

---

Assim confundindo os sabios  
Do tempo, com seus motetes,  
Nas voltas dos vilancetes  
Põe o veneno dos labios!

Repetindo os improvisos,  
E dando saltos macabros,  
Ufano sacode os guisos,  
Ao lume dos candelabros.

Vendo o rei é que esmorece...  
O seu rei, que pae lhe ha sido!  
Com quanto vilão refece,  
Se a lingua fôra um punhal,  
Acabaria o jogral!

---

Leonor Telles nos seus Paços  
Para as batalhas do amor,  
Tinha em *bouquet*, todo em flôr,  
Um esquadrão de appetite;

Antes que a filha dos Medicis,  
Tambem *coquette* e louçan,  
Tivesse o *escadron volant*  
Das suas damas d'*élite*.

---

Venha um pico de francez,  
Sem o que não pode haver  
Coisa digna de se lêr  
N'este velho portuguez!

---

N'uma sala mais recondita,  
Leonor presidia agora,  
A' ceia provocadora.

Ali, onde a cynosura  
Da graça e da formosura,  
Era para enlouquecer,  
Como resahia o magico  
Busto d'aquella mulher!

Dir-se-hia na adolescencia,  
E na paixão virginal  
O seio a romper-lhe o ergastulo  
Do seu brocado real!

A's vezes, n'un gesto mystico,  
Chegava a se transformar,  
Que era — sorrindo ao martyrio —  
Vêr uma santa no altar!

Estes Proteus femininos,  
Sempre tyrannos protervos,  
E archanjos luciferinos,  
São escravos dos seus nervos!

Os jorros de luz, o ambiente  
De perfumes capitosos,  
Como vinhos generosos.

A gentileza insolente  
Que ao lado d'ella ostentava  
O conde que a dominava...

Como um turbilhão, cegando-a,  
Fez-lhe perder o alvedrio,  
Rasgou-lhe o véo do pudor,  
E de entre as sombras abriu  
O seu animo traidor!

Quanto um'alma depravada  
Fôra capaz de fingir,  
Tudo enfim veio a cahir,  
Co'a refrega despregada  
Do furacão sensual,  
Bravo como um temporal!

Ha Venus-vaga em prostibulo  
Ás vezes mais recatada  
Do que a rainha no solio,  
Se parte desenfreada!

Atravessava o salão  
El-rei, pensativo e pallido;  
El-rei que lhe dera a purpura,  
E o sangue do coração!

Enleou-se então no Andeiro;  
Não como as heras solícitas  
Aos braços do velho ulmeiro;  
Mas como serpente lubrica,  
Que nos accesos desejos,  
Verte veneno dos beijos!

N'um paroxismo, perdida  
Disse-lhe:—Toma este anel:  
Vae com elle a minha vida,  
E com elle, em hora boa,  
Te darei sceptro e corôa!»

N'isto Anequim o jogral  
Clamou com voz triumphal:

«Pelas alfombras, donzel,  
Não procures mais o anel:  
Olha, parece um luzeiro,  
No dedo do Conde Andeiro!»

Andeiro o olhar relanceou :

O olhar do Mestre d'Aviz,  
Que sobre elle se cravou,  
Fel-o acurvar a cerviz!

Desfez-se a nuvem nos ares.  
Riam d'aquella tragedia!...  
Os espiritos vulgares  
Transformam sangue em comedia!

Contra os futeis cavalleiros,  
Anequim, poupando as damas,  
Em donaires zombeteiros,  
Redobrava os epigrammas.

Depois, mudando de tom :

«Tanto brocado e veludo,  
Tantas joias, tantas luzes,  
Tamanho contentamento...  
Só eu é que n'isto tudo  
Vejo brandões, vejo cruzes  
De um funerio sahimento!

«Falta na festa real,  
Não sonhado cavalleiro,  
Que ao lado de outro guerreiro  
Dará brado em Portugal!»

O Mestre cuidara ouvir,  
Na voz do bobo mofino,  
A voz do proprio destino  
Annunciando-lhe o porvir!

De leve empallideceu,  
E, do salão rumoroso,  
Seu vulto nobre e formoso,  
Em pouco desapareceu.

A festa vae recrescendo;  
Livido o Infante e sem fala,  
Escuta o bufão tremendo,  
A dizer de sala em sala:

«Mataste la minha madre,  
Como se fôra um cordeiro;  
Mataste uma dona honrada,  
Por tuas mãos, carniceiro!

«Quando la manhã rompia,  
O sangue d'ella, coitada,  
Todo o aposento tingia!»

O Infante estava a revêr,  
No seu animo perverso,  
O sangue da mãe, no berço,  
E nas mãos, o da mulher!

«Eu era orfão de padre;  
Mas quiz meu fatal destino  
Que o fosse também de madre,  
Por ti, malvado assassino!

«Repontava a madrugada;  
Ella em seu leito dormia  
De todo o mal descuidada;

«Pois matastel-a, coitada,  
Como se mata um cordeiro,  
Por tuas mãos, carniceiro!

«Ai! que o jogral—o *Compadre*—  
Já não tem padre nem madre!»

Uma baga de suor,  
De suor do agonisante,  
Rolou-da testa do Infante!

Depois, n'um supremo esforço,  
Do seu abysmo surgiu,  
E, co'as visões do remorso,  
Allucinado partiu!

Sem dar pelo sangue e lagrimas  
D'aquelle sinistro canto,  
Volteavam, n'esse momento  
Haurindo um supremo encanto,  
Dois noivos tão namorados,  
Como duas borboletas,  
Batendo as azas nos prados!

---

Desafogado o rancor  
Que havia muito o mordia,  
E tomado de terror,  
Desceu pela escadaria  
O jogral ultrajador.

Tirou o gorro, e a gorgeira,  
Da resonante folia  
N'aquella noite agoireira!

Pedindo aos céos uma lagrima,  
Poz os olhos nas estrelas;  
No azul carregado—esplendidas,  
Riam, riam todas ellas!...

Nem o céu do orvalho santo  
Tinha para elle um pranto!

Com que maldita alegria  
O destino o perseguia!

---

O sarau tinha findado.  
Às grandes salas desertas,  
Pelas janellas abertas  
Vinha a aragem da alvorada,  
Virginal e perfumada.

El-rei no accesso febril,  
Que o desvelara, coitado,  
Inda tão moço e gentil,  
Vagava alli, despresado,  
No seu Paço de Lisboa,  
Lupanar de sceptro e c'rôa!

Á luz tibia e já cambiante,  
Um espelho trahidor  
Deu-lhe um vulto de bacchante:

A bacchante era Leonor,  
Nos hystéricos desejos,  
A cravar a bôca em beijos,  
Na bôca do seu amante.

O monarcha olhou em roda...  
Ninguem!... Emfim, respirava;  
Só estava, e só tragava  
Aquella vergonha toda!...

---

Ao largo, a voz da gentalha  
Cuspia a injuria oratoria,  
Como cospe em brasa a escoria  
A bôca de uma fornalha!

Crescia o povo na praça.  
Cada chasco e vituperio,  
Da sombria populaça,  
Tinha um travo a cemiterio!







IV

LEONOR TELLES, MORTO O AMANTE

---

DISSE ao Mestre, Alvaro Paes:  
—«Matae o Andeiro, Senhor,  
Que mataes Judas traidor,  
E Portugal resgataes!»

.....  
O povo, n'um desatino;  
Povo... escoria da cidade,  
Tudo que ha de mais ferino,  
E vil na perversidade;

Essa alcateia carnivora;  
A que sempre se tem visto—  
Hoje ainda!—á voz dos despotas  
Cuspir na cara de Christo;

Lá ia, não a salvar  
O paiz da tyrannia,  
Mas a roubar e a matar,  
N'aquelle grandioso dia.

Depois do arcebispo e os seus,  
Trucidados e arrastados,  
Clamavam os scelerados:  
—«Vamos saquear os judeus!»

Acudiu Alvaro Paes:

—«Mestre, senhor, tende mão

N'esses féros animaes!...»

Era um burguez... dos de então!

Caudilho heroico do povo,

Não da actual burguezia,

Primaz na aristocracia,

E mais cheia do que um ovo!

Já noite, Dona Leonor,

Vendo o conde assassinado,

Contemplava o cego amor,

Que tinha a seus pés prostrado!

Nos olhos nem uma lagrima;

Mas em temporal desfeito,

É que eram ondas diabolicas

N'aquelle insondavel peito!

Vingar o amante, jogar  
O sceptro, n'uma cartada;  
Vender a Hespanha e assolar  
A nação abominada!

Nas paixões, quando violentas,  
Tudo é grande, o bem e o mal:  
Na maldade, o odio das viboras,  
Na virtude, o amor ideal!

Para a eterna despedida,  
Estava alli, todo tinto  
No proprio sangue, e distincto  
Na morte, como na vida!

Correu-lhe, em visões umbraticas,  
O tempo despercebido.  
Que planos, aquelle espirito,  
Já não tinha concebido!...

Leval-o-hia a enterrar  
N'um reservado carneiro,  
Para até o derradeiro  
Momento o vêr e adorar!

Dom Judas, servo fiel,  
Tambem nas horas tardias,  
O bom filho d'Israel,  
Planeara coisas sombrias!...

O Conde era sepultado  
Na igreja de Sam Martinho,  
Tendo por padre—o mesquirho—  
Aquelle judeu honrado!

E as pompas do funeral  
Iam-lhe feitas na praça,  
Aos baldões, na saturnal  
Da sangrenta populaça!

A aurora abriu, e um clarão  
Deu á face esmorecida  
Do morto tal expressão,  
Que lhe poz um ar de vida!

N'isto rompeu um rugido  
De dôr e de raiva insana;  
Seria panthera humana  
Estrangulando um gemido!?....

—  
Cercada de seus maiores,  
Deixou Lisboa a rainha,  
N'uma fresca manhãinha,  
Toda de luz e de flôres.

No primor de seu falar,  
Na buliçosa alegria,  
Uma noiva se diria,  
Partindo para o altar!

Raios de sol inundando-lhe  
O busto airoso e elegante;  
Faiscas de amor saltando-lhe  
Da pupilla rutilante!

Não ha actriz que simule,  
Embora actriz genial,  
Como simula uma perfida,  
Por condição natural!

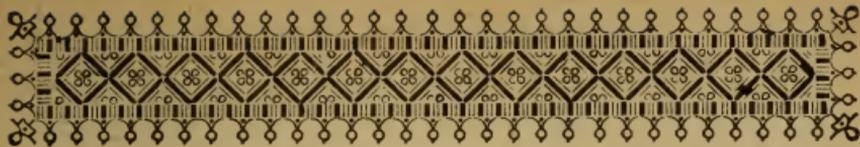
Ha seres, são raros seres,  
Que no ignoto magnetismo  
Tem os magicos poderes  
Dos Deuses do paganismo!

---

Parando n'uma collina,  
E afastando-se da côrte—  
Turvada a voz crystallina,  
O semblante demudado—  
Disse, espumando de colera,  
Erecta, cerrando os punhos,  
O cabelo desatado,  
Grande, sublime, blasphema:

—«Lisboa, eu te veja um dia,  
Terra maldita' arrasada,  
E voltada pelo arado!»





V

LEONOR TELLES  
E O REI DE HESPANHA

---

**E**L-REI, concentrado e tôrvo,  
Pela sanha truculenta,  
Rompeu em voz agoirenta,  
Como o crucitar dô corvo:

— «Para um convento heis de entrar,  
E mais a Deus vos devia,  
Que na vossa felonia  
Me quizeste assassinar.»

— Metter-me a mim n'um convento!...  
Mettei freira, se quizerdes,  
Vossa irmã, se irmã tiverdes.

A mim, nem vós, nem aquelles  
De vossa côrte hão de ousar  
— Juro pela vida minha —  
Por sombras, sequer, tocar  
N'um cabello a Leonor Telles,  
Quanto mais inclausurar  
Leonor Telles — a rainha!

«Dei-vos, em hora fatal,  
O melhor de Portugal!

Agora vós me faltaes  
Sobre o que ambos commungamos!...  
A que deshonra chegamos,  
De que infamias me accusaes!...

«Ouvindo a um pêrro judeu,  
Sapo que arranquei do lôdo,  
Já... n'este lamaçal todo,  
Ultrajada serei eu?!...»

Real no sangue e no sceptro  
Da soberba formosura,  
Em sua altiva estatura  
Leonor a cabeça ergueu.  
Sinistro como um espectro,  
El-rei não lhe respondeu.

Dom Judas, raso do chão,  
Era sapo e escorpião!

«Rei de Hespanha, Portugal  
Não foi nem será vencido!»

Bramiu a fera real,  
E o soturno tribunal  
Estremeceu ao bramido!

—«Cortezãos de raça vil,  
Vós, Infante de Navarra,  
Cuidaveis deitar a garra  
A leôa no covil?!»

Aqui, na filha cravou  
Os olhos com anciedade:  
A filha a face voltou.

—«Beatriz!... Ah! tu tambem...  
Pois se não teve piedade  
Meu peito para ninguem,  
Para ti... foi sempre mãe!»

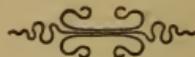
No tigrino coração  
D'aquella mulher insana  
Vibrou uma corda humana!

Vinham a saltar-lhe as lagrimas,  
Primeiras de um santo amor;  
Mas abysmou essas perolas  
Nas ondas do seu rancor!

E supitando a paixão,  
De rosto sereno e frio,  
Encarou no rei sombrio,  
Voltou-lhe a espalda elegante,  
E sahiu ainda arrogante  
De todo o seu poderio!

.....  
Até que o destino fero  
Atirou a fraticida  
Para as arribas do Duero!

Envolta em negras mantilhas,  
Abominada, perdida,  
Sem sombras de arrependida,  
Mas leôa inda espumante,  
Das grades de Tordesilhas,  
Disse, emfim, o adeus eterno  
A' corôa, ao lar paterno,  
E á sepultura do amante...  
Absorta... o resto da vida  
Nas torvas visões do inferno!





VI

LEVANTAR DO CERCO

---

Sobre o viso encantador,  
Do castello de Palmella,  
Bate o sol triumphador  
De uma estival alvorada.

Dom Nuno joga-se a monte;  
Vae de quebrada em quebrada  
No seu cardão saltador.

Do fechado dê uma brenha  
Parte um javardo real.  
Dom Nuno, quando não tenha  
A paixão de caçador,  
Atira-lhe uma lançada  
E cae redondo o animal.

Conseguiu o seu intento:  
Fêl-o pôr sobre uma azemola,  
E, por quatro homens a pé,  
Mandou-o a Pero Sarmiento,  
Que o chasqueara de menino,  
E lhe promettera até  
Fraternamente açoital-o,  
Por ladino e por mofino,  
Quando lograsse agarral-o.

Se o facto não fosse historico,  
Quem podera acreditar  
Que entre assombros de tragedia  
Se pensasse em gracejar!

É que aquella idade média,  
No seu poder genial,  
Era em tudo original!

---

Cae nas ondas o sol do estio rutilante,  
Tomando do occidente o solito caminho.  
Promettem trigo a flux as fulgidas paveias;  
    O pomar odorante,  
    E jorrando nas veias  
Da vide entumecida o balsamo do vinho.

Ao placido cahir d'este formoso dia,  
Como se fosse, e os seus, em santa romaria,  
Vae sereno Dom Nuno atravessando a serra;  
Mas para a guerra.

Era um golpe de mão do audaz aventureiro.  
Mal clareava a manhã, cahiram sobre Almada,  
E, levando o inimigo á lança e cutilada,  
Logrou mais um triumpho o genial guerreiro.

Deu rebate em Lisboa o feito inusitado.  
O proprio rei de Hespanha attonito e aterrado  
Interroga Sarmento :

— Diz-me a vontade, senhor,  
Que é Nuno Alvares Pereira.  
Responde-lhe el-rei sanhudo :

—«Pois vós que sois o fronteiro  
Do logar, vós não sabeis  
Quem seja aquelle escudeiro  
De cinco rocins, mais não,  
Que nos faz um tal baldão?»

Pero Sarmento, entonado,  
Voltou ao rei:

— Se não fôra  
Este rio, que separa  
De vós o tal escudeiro,  
Boa a terieis agora,  
Que a vós proprio vos tomara!

Assim que anoiteceu no cimo de Palmella,  
A almenara, a flammear ao mestre e seus parciaes,  
Apertados no cerco em angustias mortaes,  
O feito lhe annunciou como propicia estrella!

---

No campo dos sitiadores,  
A peste devastadora  
Arrebatava, hora a hora,  
Alto e malo os seus melhores.

Ergueu-se o cerco. Que prestito,  
Que funerio sahimento!

Os fidalgos mais honrados  
Iam nas tumbas levados;  
E na sinistra partida  
Tambem a propria rainha  
Estava entre a morte e a vida!

O monarcha, allucinado,  
Como a sogra repetia:

—«Lisboa, eu te veja um dia,  
Terra maldita, arrasada,  
E voltada pelo arado.»

---

Os nossos a perseguil-os,  
Com as bôcas viperinas,  
Cuspiam vaias ferinas:

«A Lisboa desejada  
Botae-lhe a vossa mirada.

«Vinde a cá comer carneiro,  
Como lo comeu o Andeiro.

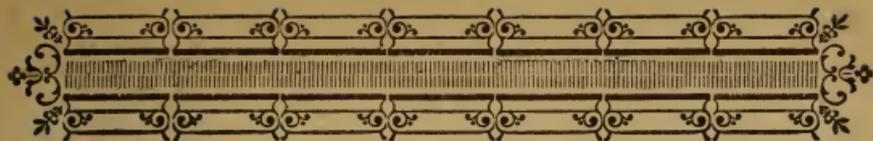
«Mais de molho de vilão,  
Orelhas de castellão.

«E ceiar cabrito assado,  
Como al Arcebispo hão dado.»

E com seus pulmões titanicos,  
Dobravam as assuadas  
Jogando feras pedradas.

Eram os gaiatos epicos,  
Clarins marciaes da miseria,  
Que em meio dos grandes dramas,  
E até na propria tragedia,  
Mettem na scena mais séria,  
Improvisando epigrammas,  
O sainete da Comedia!





VII

○ ALFAGEME

*A Augusto Gil*

---

E IL-A, senhor, vossa espada!...  
Esta lamina sagrada  
Mal cheguei a corregêl-a...

«Quando na incude a batia,  
Logo á primeira pancada  
Fuzilou, que era uma estrella.

«Por Deus e a Virgem Maria,  
Coisa do céo parecia!

«O povo, maravilhado,  
Não se cança de bradar,  
Do milagre inda assombrado,  
Que n'est'hora attribulada,  
Só vós, senhor, e esta espada,  
E que nos podem salvar!

«Alfageme, o ferro em obra  
Sempre dobrei como um vime;  
Mas a tempera sublime,  
D'este ferro, não se dobra!

«Ide com elle, Senhor.  
Feito Conde heis de voltar,  
E nosso resgatador!...

«Então me haveis de pagar,  
Por Santa Maria Val,  
Tendo na mão Portugal!»

---

A aurora vinha do monte,  
E ao dubio azul do horisonte  
Dava inda pallida luz.

Dom Nuno acurvou a fronte,  
Tambem nascente alvorada,  
Beijando os punhos da espada  
Como se beijasse a cruz!

Partiu. E quando assomou  
Sobre o viso da collina,  
Que o val do Alfange domina,  
Brandindo o ferro apontou  
Para as bandas do nascente.

Todo em chammas coriscou  
O seu gladio percuciente,  
Como auspiciando a victoria  
De um dia de eterna gloria!

Dos campos, montes e serra,  
Semelhante ao turvelino,  
Mas rebentando da terra,  
O povo, n'um desatino,  
Correu vozeando :

—«Por vós,  
Morreremos todos nós !»

Rubro o sol cresceu do Oriente,  
Soberbo de formosura,  
E Dom Nuno ao sol nascente,  
Ingenuo sorria agora,  
Como a flôr sorri á aurora.

O povo, vendo a figura  
Do juvenil cavalleiro,  
Pasmava de tal candura,  
Mais que da propria estatura  
Do extraordinario guerreiro!

Foi só um momento, após,  
Após o enlevo divino,  
Rompeu no seu desatino,  
Bradando :

—«Senhor por vós,  
Morreremos todos nós!

Lá vae, no seu traje airoso :

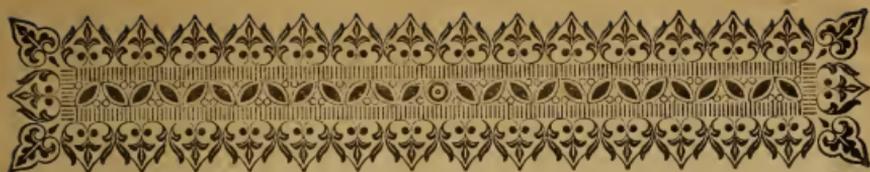
Jaqueta verde, bordada,  
Toda a rosas virginaes.  
Sem couraça e sem braçaes,  
Levando apenas a espada!

Alteia o sol. Trespasado  
De frechas de luz, lá vae  
Dom Nuno á morte... á victoria...  
A' tempestade da gloria,  
Com o povo, e coroado  
De clarões como o Sinai!



ULTIMA FAISCA





## NAS ARRIBAS DO MAR.

---

POR todo este almaraz ao terreno ondulando,  
Tal como ondula o mar, quando o tempo está brando,  
Nos contrastes de luz, no variado matiz,  
Nenhum lhe dá de rosto em volta do paiz.

As folhas dos trigaes, vinhedos e pomares,  
Pendendo para o mar á beira dos algares.

Val de Flôres, Rosal, a fecunda Sobreda,  
Conservando a azinhaga e a sombria vereda.

As «Villas de Azeitão», o m'êdo de Albufeira,  
A Charneca, formando uma enorme clareira  
Cingida de pinhaes. No gracioso recorte,  
Cintra, no seu perfil, campeando sobre o norte.

A Arrabida domina ufana o Sado e Tejo.  
Não tem outra rival por todo esse Alemtejo.

O Atlantico á barra. O rio, a desaguar,  
Funde na vaga azul a tinta verde-mar.

Seja em que ponto fôr é relancear a vista;  
Sempre, no vasto quadro, uma nota imprevista.

Rompe um formoso dia. O mar azul e manso.  
Vem as redes á Costa, e com soberbo lanço.

De toda a povoação, e remotos casaes,  
As récovas lá vão a travez dos juncaes.

E a trepar a ladeira, — a saia coruscante,  
A cestinha á cabeça, o lenço fluctuante, —  
Correm, com seus pregões, á venda, as raparigas,  
Pregões que têm um tom de juvenis cantigas!

Cae a noite. O farol, as frechas rutilantes,  
Atira pelo oceano e guia os navegantes.

Accendem-se tambem Bugio e Sam Julião.  
A cidade illumina, e reflecte o clarão  
No Tejo que lá vae, na veia crystallina,  
Levando, a scintillar, o véo da tremulina.

Fragueiro e caçador, sahi a monte um dia;  
Sinto agora, ao lebral-o, um travo de agonia!

Tinha morrido um rei. E rei morto, rei posto.  
Seguiu o filho ao pae n'esse arriscado posto.

Era moço e feliz. Exuberante a vida.  
Varonis as paixões e proprias para a lida.

---

Artista e monteador. A corôa real,  
Contra o seu coração, tinha um quê funeral;  
Pairava em volta d'ella um sopro sybilino,  
Como que a prenunciar o tragico destino!

---

Circumdaram o rei diversos conselheiros:  
Não faltam nunca ao throno alguns aventureiros.

Mas um d'elles, audaz, achegando-se a elle,  
Melifluo e seductor, esse é que foi aquelle  
(Elevado talento e pulso de escriptor!)  
Que o dominou n'um ai!

Fatal embaidor!

---

O Brazil, nosso irmão, fez se republicano,  
E disse o ultimo adeus ao velho soberano,  
Na sua posição de austero democrata,  
Com toda a polidez de um velho aristocrata.

Nada de jacobino! Em prol da causa publica  
Não quiz mandões bufando ao lado da republica.

Cá, em vez de influir, no seu rei, o mentor  
A prudencia, a cordura o sacrosanto amor,  
Inspirou-lhe no peito o tedio á liberdade;  
Abrindo-lhe um abysmo, excitou-lhe a vaidade,  
Veneno capital do coração humano!

Devoto para fóra, e por dentro profano,  
Conseguiu afinal, no frio scepticismo  
Infiltrar no monarcha o fel do despotismo!

Quando a morte o prostrou, seguiram-lhe na esteira  
Uns quantos servilões de condição rasteira,  
Gente de pouca monta, e comtudo fatal,  
Que deu, com seu influxo, o sangrento final!

---

No Porto, o bom burguez, encarando o futuro,  
Rompeu n'um rasgo heroico, embora prematuro.  
Trahiram-no. Depois, adversa a sorte ignota,  
Atirou sobre nós, subita, a bancarrota!

Que funesto reinado!... Inda o terrivel dia,  
Em que eu, sobre este Monte, em tarde agreste e fria,  
Vi bordejar, ao largo, esquadra prepotente,  
Obra infanda e brutal de torvo potentado,  
De estrangeira nação, ministro omnipotente!...

Assassinos moraes deviam ser punidos,  
Como são, nas galés, os maximos bandidos.

Este, ao contrario, foi... ás nuvens exaltado!

Roberto Arthur Talbot de Gascoigne e Cecil.  
Que pomposo appellido e que chatim tão vil!

Maldito sejas tu, na tumba, scelerado!

---

Tirou-me, a indignação, das arribas do mar,  
Do encanto d'este sitio, alegre e salutar!

Seio da natureza!... a paz do coração  
Só a posso encontrar em ti e na oração;  
Na sagrada oração:

---

«Amar e perdoar!

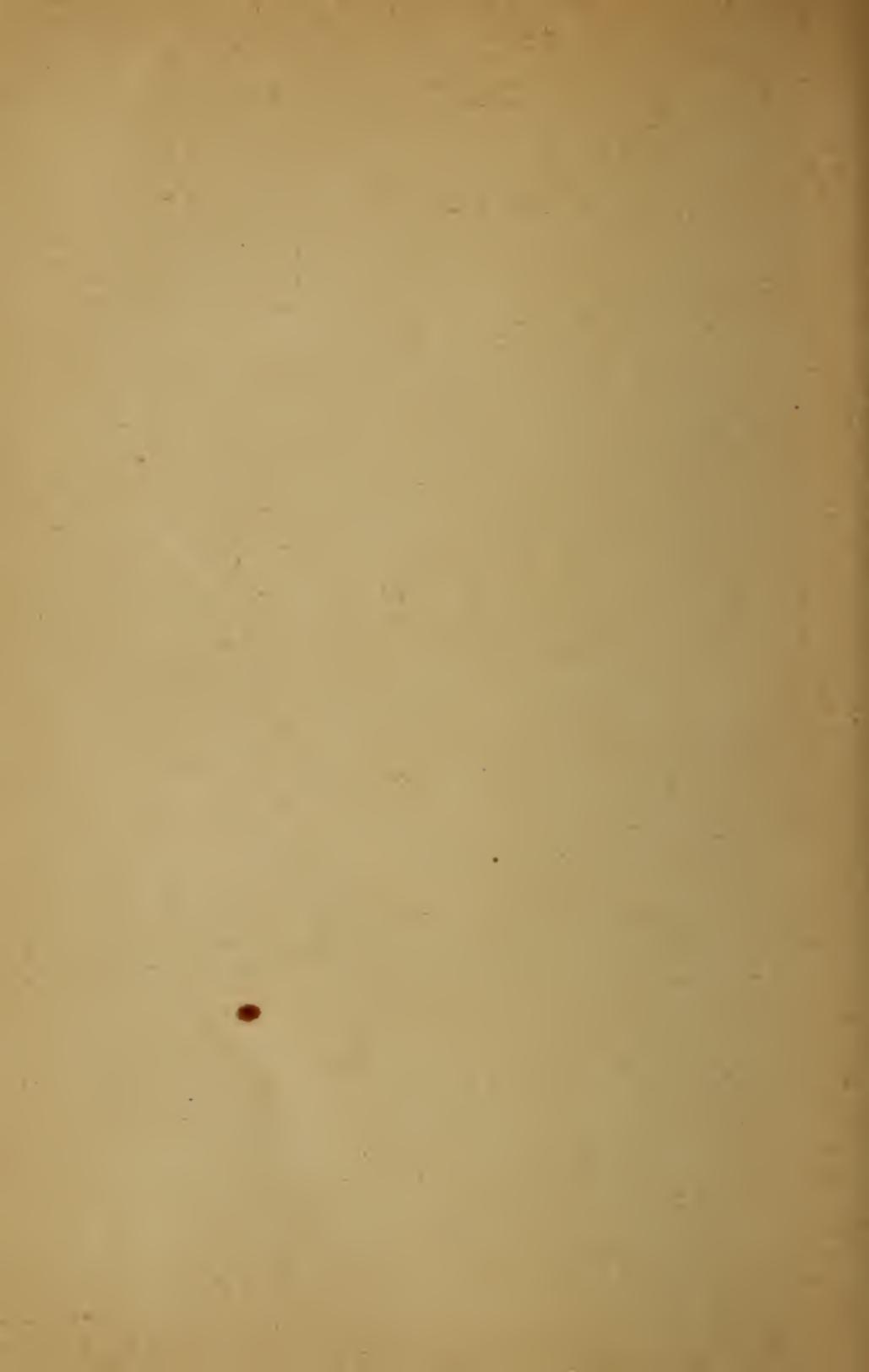
«Dás-me o pão,  
«A saude,  
«A alegria,  
«O amor de irmão a irmão,  
«A consciencia do bem!

«Bem dita sejas tu,  
«E para todo o sempre :

«Amen!»

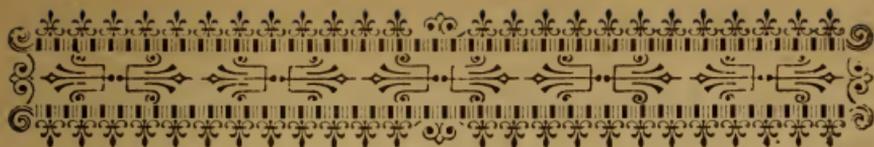
Monte. Torre.—Março, 31, de 1908.





# NOTAS





## NOTAS

---

PAG. 47 A 86

Os versos que vão com a rubrica *Hoje* são do livro intitulado *Hoje*, publicado quando vim para estes sitios e cuja edição se esgotou ha muito. Entendi colligil-os nos *Improvisos do Monte*.

PAG. 88

...emquanto na cardoza...

Nos dictionarios que tenho á mão e no *Ilucidario* de Santa Rosa de Viterbo não vem *cardoza*. É corrente no campo. Casa onde os criados da lavoira e os ganhões recolhem para a ceia e dormida.

## PAG. 129

No SECULO XIV. Pensei fazer um poema sobre esta epocha como já se têm feito romances e dramas. Senti, porém, que ainda que me não abandonasse completamente a imaginação de todo me faltava o tempo. Vão apenas alguns episodios.

## PAG. 176

—«Lisboa, eu te veja um dia,  
Terra maldita arrazada,  
E voltada pelo arado!»

Essa mesma praga, soltada por Leonor Telles ao deixar Lisboa e partir para Alemquer, é posta por Fernão Lopes na bôca do rei de Hespanha ao levantar do cerco.

## PAG. 178

—«Metter-me a mim n'um convento!...  
Mettei freira, se quizerdes,  
Vossa irmã, se irmã tiverdes.

Palavras de Fernão Lopes.

PAG. 186

— Diz-me a vontade, senhor,  
Que é Nuno Alvares Pereira.  
Responde-lhe el-rei sanhudo :

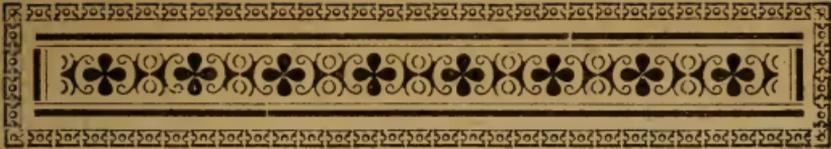
Todo este dialogo de Pero Sarmiento com o rei de Hespanha foi batido sobre a prosa de Fernão Lopes.





# INDICE





## INDICE

---

	PAG.
IMPROVISOS DO MONTE .....	I
Carta .....	3
No centenário de João Baptista de Almeida Garrett .....	7
Iria, a pastora .....	11
Em pleno abril .....	15
Primavera (georgica) .....	17
Vindima (georgica) .....	21
Alvorada no campo (georgica) .....	25
Nada! .....	27
Hymno .....	31
Arte .....	35
Trabalho e sciencia .....	37
Voltando de Roma .....	41
Bento Espinosa .....	45
Bruxarias .....	47

	PAG.
Versos caparicanos .....	49
Bluettas .....	55
A' eminente escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.....	59
Idyllio de um velho.....	61
A sympathia .....	65
Aos olhos da minha vizinha .....	67
Idyllio pagão .....	73
Sunt lacrimae rerum! .....	78
Derradeira ambição!.....	85
Tempo seguro .....	87
Terra .....	89
O quintalito (georgica).....	97
PÓ E SOMBRA .....	101
Confissão .....	103
Dia de finados .....	105
O velho e o infante.....	107
A' memoria de meu sobrinho Raphael de Bu- lhão Pato:	
I.—Alvorada .....	111
II.—Noite.....	113
Morta .....	115
Ao meu querido Julio —Visconde de Castilho:	
I.—No coração! .....	117
II.—Sombra! .....	119
III.—Na eterna paz!.....	121
Dois beijos.....	123
Sceptro e corôa .....	125 e 127

	PAG.
NO SECULO XIV.....	129
I.—A sesta da rainha .....	131
II.—As nupcias do heroe .....	137
III.—A volta do infante .....	143
IV.—Leonor Telles, morto o amante .....	169
V.—Leonor Telles e o rei de Hespanha..	177
VI.—Levantar do cerco .....	183
VII.—O alfageme .....	191
ULTIMA FAISCA .....	197
Nas arribas do mar .....	199
NOTAS .....	209









